

**BAILEY HANNAH**



**MARCA DO  
A FERRO**

**SÉRIE WELLS RANCH**

**TOP  
SEL  
LER**

*Dedicado às miúdas da cidade na sua era do  
romance de cowboys. E às miúdas do campo, que sabem  
que um cowboy fictício é sempre melhor do que o real.*

## Nota da autora

Esta história passa-se num rancho de gado bovino, e não é algo a que me quisesse esquivar. Por esse motivo, há referências a abate e a castração, bem como a marcação de bezerros com ferro. Os rancheiros fazem essas coisas por um bom motivo, e a intenção nunca é ser cruel (nem eu me propus escrever como se fosse — a minha família criadora de gado *não* ficaria satisfeita se o fizesse).

O Rancho Wells usa marcação com ferro quente, que é a forma tradicional de marcar/identificar o gado. Em algumas zonas do mundo, a marcação a frio tornou-se uma abordagem mais popular. E, noutros lugares, nenhuma das duas é considerada humana. A marcação a quente/fogo costuma ser feita usando um ferro de marcação em aço aquecido numa fonte de calor alimentada a madeira ou a gás propano. Queima uma marca nos folículos do pelo, evitando o seu futuro crescimento. No caso da marcação a frio, o ferro gelado mata os folículos da cor, fazendo com que fiquem permanentemente brancos. Os dois métodos têm prós e contras.

Apesar de o Rancho Wells ser fictício, é inspirado em ranchos de gado bovino reais da Colúmbia Britânica. A marcação a quente

continua a ser o método mais comum aqui, pelo que me parece a escolha mais adequada para a história.

Se alguma vez estiverem presentes num dia de marcação de gado, não comam Ostras das Montanhas Rochosas.

*Este livro termina com o anúncio de uma gravidez — se não é a vossa onda, estejam à vontade para saltar o epílogo bónus e fiquem a saber que não perdem nada. <3 Cuidarem de vocês é mais importante.*

\*

AVISOS DE CONTEÚDO:

- Violência doméstica — mental, emocional e física (mostrada)
- Armas (presentes, mas não usadas)
- Violência física (mostrada)
- Morte de pai ou mãe devido a cancro (discutida, não mostrada)
- Morte de um avô (discutida, não mostrada)
- Relações complicadas entre pais e filhos (discutidas, não mostradas)
- Consumo de álcool
- Gravidez (personagem secundária)
- Atividades de rancho — laçar, marcação, castração, vacinação (mostradas), abate de animais (discutido, não mostrado)
- Cenas de sexo explícito, incluindo cuspidela erótica, *cockwarming* (ligeiro) e veneração

**Bem-vindas ao Rancho Wells!**

1  
*Cecily*



Passei a maior parte do dia a fazer uma lista de todas as maneiras de o matar no verso da minha fatura da mercearia. Agora, desviando o olhar das pequenas garatujas para o relógio do micro-ondas, acendendo um fósforo e queimo as provas. Exatamente na hora certa, a luz dos faróis do KJ entra pela pequena janela por cima do lava-louça. Apresso-me a despejar o pó das cinzas pelo ralo.

— Como correu o trabalho? — pergunto, com o sorriso falso a surgir naturalmente enquanto ele se encaminha para a porta.

*A prática leva à perfeição.*

— Digamos apenas que estou contente por estar em casa — responde, dando-me um beijo bruto na testa antes de me agarrar num abraço desagradável. Inspiro o cheiro forte da sua colónia quando a minha face é esmagada contra o seu peito, com todos os músculos do meu corpo rígidos nos seus braços. Ele cheira o ar e eu rezo para que a vela de vagem de baunilha seja suficiente para disfarçar o fumo.

Claramente sem dar por nada, ele concentra-se em dois sacos de papel pardo do seu restaurante preferido.

— És tão boa para mim, amor. A sério, como é que tive tanta sorte?

Sempre a mesma cantilena. A sua patética tentativa de se rebaixar porque discutimos antes de ele sair para o trabalho, esta manhã. Ou melhor, ele gritou e eu permaneci imóvel como uma estátua até ele desistir. Uma pose semelhante àquela em que me encontro agora, com os dedos cerrados sobre o tampo de mármore da bancada, à espera da inevitável crítica de alguma coisa. Do meu aspeto, do jantar, do estado da casa... há *sempre* alguma coisa.

O KJ dirige-se para as caixas do restaurante e levanta uma tampa para espreitar a encomenda de sushi no valor de cem dólares no interior da caixa. Nem sequer é o melhor restaurante de sushi da cidade — ele gosta porque é o mais caro.

Volta-se para mim, passando a mão pelo cabelo preto curto.

— Deves ter tido um dia muito ocupado, para nem poderes cozinhar. — *Aí está o aviso.* — Serve-te de um pouco de vinho e senta-te, amor. Eu ponho a comida nos pratos.

Após uma breve hesitação, e na ausência de mais comentários do meu marido, abro o armário. Os meus dedos perpetuamente trémulos envolvem a caneca verde-azulada. Não é a maneira mais elegante de beber uma garrafa de vinho de duzentos dólares, mas o meu último copo de vinho desfez-se em estilhaços contra a parede da sala de jantar no domingo. Com as extremidades nervosas em ebulição com essa recordação, encho a caneca e volto para a sala com passos cautelosos. Assim que entro na sala, sou atraída pela mancha *bordeaux* espalhada na parede bege acinzentada, por cima da mesa. Ainda se notam as marcas do esfregão onde passei uma hora a chorar e a limpar.

Terei de passar pela loja de ferragens e comprar mais tinta antes do jantar de sexta-feira à noite com os nossos amigos Sara e Mike. Deus nos livre de que alguém pergunte porque é que a nossa sala de jantar tem agora uma mancha de vinho do Porto na parede.

— Porra!

A sua voz de trovão ecoa pelas paredes e juro que a casa estremece tanto como eu. A minha respiração fica suspensa nos lentos segundos que decorrem entre a sua exclamação e eu abrir a boca.

— Estás... Estás bem? — O meu tom é dócil, mas esganiçado.

— Cortei-me, porra. Vai buscar a caixa de primeiros socorros.

Entrando em ação, atravesso a cozinha a correr e meto pelo corredor até à nossa casa de banho privativa. Aí, procuro preguiçosamente no armário dos medicamentos. Arrumo frascos de medicamentos e faço uma lista mental das faltas que é preciso suprir. Fingindo que não sei onde estão os pensos. Olhando diretamente para eles.

*Que acidente tão trágico seria, se ele se esvaísse em sangue.*

— Cecily! — urra ele. — Que raio está a demorar tanto tempo?

Pego na caixa e volto para a cozinha, onde o encontro à espera com uma expressão pesarosa. Estende a mão para mim, com uma expressão de dor a franzir-lhe o cenho. É um corte mínimo, que mal rasgou a carne, pouco mais do que um corte com papel. *Valha-me Deus.*

Lá se vai a esperança de o encontrar com um ou dois dedos a menos. O mais certo é ter-se cortado na tampa de plástico de uma caixa de comida, ou qualquer coisa igualmente estúpida.

— Desculpa, não encontrava os pensos — respondo. Livro-me do invólucro e aplico gentilmente o penso sobre o minúsculo corte. — Pronto, estás como novo. O que aconteceu?

— Porque estão os pauzinhos na mesma gaveta das facas de cozinha? Temos uma cozinha grande que se farta. Não tenho de meter a mão na gaveta das facas para procurar a merda dos pauzinhos — rosna, antes de sair de rompante.

Olho para a gaveta aberta, em especial para a grande faca de cozinha recentemente afiada, e depois para as costas dele.

*É melhor não. Teria muito que limpar.*

Sentada no meu lugar à mesa, a lista no verso da fatura da mercearia queimada consome cada um dos meus pensamentos, e o peso de um potencial homicídio premeditado diminui-me o apetite. Brinco preguiçosamente com um pedaço de gengibre. Sem ouvir metade das suas queixas sobre como é difícil ser CFO na empresa do pai. Apesar da apatia que sinto, tenho de fazer que sim com a cabeça, soltar um ocasional *hum* e ficar de boca aberta nos momentos certos.

O jantar decorre sem qualquer incidente. Após três anos, acho que estou finalmente a dominar a arte de manter a paz.

— Que ótimo jantar, amor. — Depois de deitar o guardanapo no prato vazio, ele afasta-se da mesa,

Solto um suspiro de alívio quando o som *surround* da televisão se faz ouvir na sala contígua. É o princípio do fim — mais um dia perto do término. Em silêncio treinado, levanto a mesa e passo a hora seguinte a limpar a cozinha já imaculada. Com um pouco de sorte, ele já terá adormecido no sofá quando eu acabar.

*Com um pouco de sorte.*

\*

O abrandar da respiração dele, indicando um sono profundo, é um dos meus sons preferidos, só ficando atrás do som dos pneus do seu carro a deixarem o acesso à casa todas as manhãs. Confiante de que ele apagou para o resto da noite, deslizo para fora das cobertas, desligo o telemóvel da ficha e caminho em passos leves até à casa de banho. Sento-me no chão de mosaicos frio e digito uma mensagem para um dos números que memorizei, pois guardar o contacto não é opção. Durante semanas, mantive um papel com o número colado com fita adesiva na parte de baixo da bancada da casa de banho, sofrendo um medo agonizante sempre que o KJ se curvava para tirar alguma coisa das gavetas.

**Cecily:** O emprego ainda está disponível?

O tempo passa. Pergunto-me se terei esperado demasiado. Afinal, é quase uma da manhã. O KJ descobriu o filme *John Wick* na televisão, o que arruinou a minha rotina. Em vez de adormecer antes do noticiário das nove, bebeu quatro copos de whisky sem gelo e ficou acordado até à meia-noite. Depois, sugeri timidamente que fosse dormir, e ele acusou-me de tentar obrigá-lo a ir para a cama para poder fazer das minhas nas suas costas. *Como uma puta.*

Não está totalmente enganado. Há seis meses que falo em segredo com uma mulher chamada Beryl. Conhecemo-nos num fórum de que eu não devia fazer parte. Nem consigo imaginar o que poderia acontecer se o KJ descobrisse. Um grupo de apoio para mulheres em relações abusivas, mas a verdade é que não pertenço ali.

O KJ não me bate, como os maridos das mulheres do grupo. Chama-me nomes quando está zangado, mas não me bate. Grita-me na cara, mas não me bate. Parte copos de vinho, pratos ou o estuque mesmo ao lado da minha cabeça, mas não me bate. É verdade que me ameaçou algumas vezes e me agarrou com força suficiente para deixar marca, mas nunca me bateu.

Há dias em que sonho acordada com matar o meu marido — é garantido que isso faz de mim a pessoa má da relação. Não faz?

**(555) 276-9899:** É teu assim que estiveres preparada, querida.

**Cecily:** OK. Obrigada.

**(555) 276-9899:** Estás preparada?

**Cecily:** Enfim, hoje estava pronta para o matar. É melhor deixá-lo, não é?

**(555) 276-9899:** É só dizeres, e terás ajuda. És uma mulher forte e és capaz de fazer isto, Cecily.

Passos pesados fazem-se ouvir na direção da casa de banho, e os meus dedos martelam o ecrã com força. *Apagar, apagar, apagar, porra.* A série de mensagens desaparece rapidamente, sem um instante a perder. Enquanto o puxador da porta roda, rezo silenciosamente para que a Beryl não me envie uma nova mensagem. Ela não o faz a menos que eu o faça antes, mas, como estávamos a meio de uma conversa, não posso ter a certeza de que não envie outra resposta.

*Com um pouco de sorte.*

— Que raio estás a fazer? — pergunta o KJ, piscando os olhos rapidamente para habituar a vista à luz forte da casa de banho.

— Cólicas do período. Não conseguia dormir. — Abraço a barriga para maior credibilidade. Raramente fazemos sexo, e é garantido

que ele não tem interesse nos meus hábitos de casa de banho. Apesar de sermos casados, duvido que ele faça ideia de qual é o meu ciclo. Caraças, eu uso um DIU e não me lembro da última vez que tive um período a sério, mas ele nem sequer sabe que uso contraceção.

Os seus olhos escuros cravam-se no telemóvel, no chão, ao meu lado. Num instante, lança-se para o apanhar.

— Ai, sim? Então, por que raio tens o telemóvel contigo? Eu sabia que andavas a fazer das tuas nas minhas costas. Achas-me um idiota, ou és tão puta que nem te importa se és apanhada? Ainda por cima, na *porra da minha casa!*

As suas palavras enchem-me a cara de cuspo enquanto ele se agacha com o meu telemóvel no punho cerrado.

Até me custa respirar enquanto espero o seu próximo passo. Os olhos dele cravam-se nos meus, à distância de poucos centímetros. Tem as pupilas dilatadas de raiva. Um hálito quente impregnado do cheiro a whisky atinge-me enquanto ele fica mais impaciente, à espera da minha resposta. Não faço ideia do que responder. «Vou-me embora antes que te mate quando estiveres a dormir» não me parece uma coisa sensata de se dizer. Dizer-lhe que o tenho traído é capaz de cair melhor do que a verdade. Talvez assim me ponha fora de casa.

O meu lábio inferior treme descontroladamente, e ele esboça um sorriso maníaco ao perceber o medo que sinto.

— Então, não tens nada para dizer? Não tens nada para dizer porque é verdade, porra — escarnece. O ecrã do telemóvel estala sob o aperto dos seus dedos, enchendo-se de rachas em todas as direções, mais parecendo uma teia de aranha. — Boa sorte para falares com o teu namorado agora, puta.

Estremeço. Não é a primeira vez que ele me parte um telefone. Mandará entregar outro amanhã em casa, provavelmente acompanhado por um belo presente de desculpas. É pena porque, pela primeira vez em muito tempo, pensei que podia mesmo ir-me embora. Ou, pelo menos, pensei em tentar. Não é que as minhas tentativas passadas tenham resultado.

Sem possibilidade de contactar a Beryl, não tenho forma de obter a morada dela. Goste ou não, serei prisioneira durante, pelo menos, mais vinte e quatro horas.

O seu rosto aproxima-se ainda mais do meu. O suficiente para um beijo — não que ele o fizesse. Na verdade, a ideia dos seus lábios sobre os meus dá-me vontade de vomitar diretamente na boca dele.

— Diz alguma coisa, *cabra* — insiste.

Debato-me com os mosaicos escorregadios, tentando levantar-me. Desesperada por aumentar a distância entre nós. Por mais que ele insista que me defenda, seria uma estupidez abrir a boca. Seria pedir uma discussão, e não quero discutir com ele esta noite. Não quando estamos a ter uma noite boa. *Mais ou menos*, em todo o caso.

Uma dor aguda irradia do meu ombro quando a sua mão aberta me acerta, fazendo-me cair de rabo no chão.

*Ele fez isto?* Acho que ele me bateu.

*Não, não estou a ser justa. Foi um ligeiro empurrão, se tanto.*

Um segundo golpe confirma o meu temor.

*Ele bateu-me.* Finalmente fê-lo. Ele bateu-me.

— Diz alguma coisa! — grita diretamente para a minha boca aberta de espanto.

Não consigo conter as lágrimas, apesar de desprezar o quanto a sua presença me faz parecer fraca.

— Estou farta — murmuro. É um pequeno milagre que seja capaz de ouvir acima do zumbido áspero que ecoa no meu crânio.

Estou *mesmo* farta. Tenho de sair daqui.

— O que é que disseste?

— Nada. Desculpa — respondo, abanando a cabeça violentamente. Foi uma coisa mesmo muito *estúpida* de se dizer. Ao que parece, não aprendi o suficiente ao longo dos últimos três anos para conseguir manter a paz.

— Estás farta? Depois de tudo o que fiz por ti? Esta casa, o carro, todas as tuas coisas bonitas... Sua cabra ingrata. *Está bem*. Vai-te embora. Achas que não consigo arranjar outra miúda como tu? Muito

mais bonita, provavelmente. Se achas que consegues arranjar melhor, estás mais do que à vontade, vai. Tu voltas. Foste sempre uma puta interessera. Os outros gajos vão topar-te, querida.

Para minha surpresa, ele levanta-se e sai da casa de banho, amuado. A porta bate com estrondo, seguindo-se o que parece ser o som da porta do armário a ser arrancada da ombreira. Olho em frente sem ver, procurando forças para me levantar e fechar a porta a porta à chave. Mas é como se o meu corpo estivesse colado ao chão frio e duro. Ouço o som de vidro a partir-se e deslizo até ficar deitada no chão.

*É por isto.* É por isto que devia ter ficado calada. Depois, o quarto fica em silêncio. Demasiado silêncio. Passados alguns minutos, consigo arranjar coragem para me descolar do chão e abro uma nesga da porta da casa de banho.

O KJ está sentado no meio do que parece uma zona de desastre deixada por um tornado. Um tornado horrível de olhos bonitos, mas de coração aterrorantemente maldoso. A porta do armário pende de um dos gonzos, as gavetas da minha cómoda formam um monte no chão e água escorre pela parede atrás da cama, onde, presumo, embateu o meu copo de água atirado por ele. E ele está a chorar. Não simplesmente a chorar, mas a soluçar. Convulsivamente.

Movo-me rápida e silenciosamente, enchendo uma mochila e um cesto de lavanderia com roupas apanhadas do tapete fofo. Ignorando as lamúrias dele. Tentei deixá-lo múltiplas vezes, e ele nunca me deixou chegar tão longe. Normalmente, barrica-nos no quarto, arranca-me as roupas das mãos e agarra-me os pulsos com firmeza até eu concordar que fico.

Não era assim que devia ir-me embora. Devia arquitetar tudo meticulosamente. Vi inúmeras raparigas partilharem os seus planos no fórum, e sei o que é preciso fazer: ter uma mochila preparada, retirar dinheiro da nossa conta conjunta e ter um lugar para onde ir. Pelo menos, ter um lugar para onde ir e um emprego em vista. Não faço porra de ideia de como lá chegar.

*Ele bateu-me.* Repito as duas palavras como um mantra que não me deixa parar, apesar do vazio no meu estômago ao aperceber-me do quanto não estou preparada para partir.

É tudo demasiado fácil enquanto deslizo escada abaixo até à porta da rua. O acesso à casa está às escuras e, por uma vez, dou graças por o meu *Honda Civic* ranhoso não «merecer» um lugar na garagem. É menos um obstáculo no meu caminho. Pouso o cesto da lavandaria no capô prateado do carro.

*É demasiado fácil. Eu consigo fazer isto. É canja.*

Remexo na minha bolsa demasiado grande em busca das chaves do carro quando ouço a sua respiração pesada e entrecortada atrás de mim.

— Toca na merda da porta do carro. Juro por Deus que te mato.

Por algum motivo, sou tentada a olhar para ele, e quase tenho um colapso quando o faço. Não sabia que ele tinha uma arma. Há quanto tempo existe a merda de uma arma na nossa casa?

O meu coração para quando vejo o homem que em tempos julguei amar...

A apontar-me uma arma.

Com um olhar raivoso, as veias do pescoço salientes, e nem sequer treme. Toda a emoção que demonstrou no quarto, há instantes, desapareceu. Substituída pela expressão de um psicopata frio sem nada a perder.

*Será que tem planeado matar-me, como eu a ele?*

— Kyson. Por favor, não faças isso. Não faças nada de que te arrependas, por favor. Lamento imenso. A sério que lamento, caraças. Por favor. — Cada palavra é como uma facada. Cada vez que inspiro é dolorosa. Em todo o caso, quando se trata de entrar em modo de lutar ou fugir, a minha inclinação natural é para a bajulação; pelo menos, foi isso que o meu anterior terapeuta chamou ao meu mecanismo de defesa. Os segundos arrastam-se enquanto os meus olhos se fixam alternadamente na arma e no rosto dele. — Eu amo-te. Sabes disso, não sabes? Temos problemas, mas toda a gente os tem, não é? Por favor, amor. Eu amo-te e tu amas-me. Nós podemos resolver isto.

O seu rosto é quase invisível na escuridão, envolto pelo luar.

— Cecily, diz-me só se andas a foder com outra pessoa.

— Não. Meu Deus, não. Nunca faria tal coisa. Por favor, acredita em mim, KJ. Sabes que te amo muito. Desculpa ter-te irritado.

— Estás a mentir.

— Juro. Desculpa ter-te levado a pensar que faria tal coisa. Nunca faria tal coisa. Desculpa. *Por favor*. — A minha voz perde firmeza na última palavra. Não há mais nada que possa fazer para o convencer a não me matar neste momento.

Devia ter-me ido embora há anos. Sou estúpida. Sempre soube que, estatisticamente, era provável que morresse às suas mãos. Ainda assim, fiquei.

— Não te queria assustar. Só não suportava a ideia de te perder. — Baixa a arma até junto da coxa e solta um suspiro. — Anda. É tarde. Vamos para a cama.

Pego nas chaves do carro e dirijo-lhe um sorriso com os lábios cerrados.

— Desculpa — repito.

Segurando a mochila desajeitadamente à minha frente, entro apressadamente no carro e bato com o punho no botão de fecho da porta antes que ele tenha tempo de reagir. O carro ganha vida no momento em que o KJ se atira para diante, batendo furiosamente com os punhos no capô. Engato a marcha-atrás e acelero com as mãos cerradas sobre o volante como se a minha vida dependesse disso. O cesto da lavandaria cai ao chão, espalhando os meus pertences no asfalto do caminho de acesso. O rosto dele é contorcido por um grito que parece saído de um filme de terror, que consigo ouvir apesar do som elevadíssimo do rádio. Olhando pelo retrovisor enquanto desço a nossa rua suburbana adormecida, vejo-o cair de joelhos.

Não houve tiroteio.

## 2

# Cecily



Cravo as mãos no volante do carro com um grito de *banshee*, girando-o para fazer uma inversão de marcha ilegal no meio de um cruzamento a uma hora de casa. Vou voltar para trás e faço nova tentativa num outro dia. Depois do que aconteceu esta noite, confio que o KJ será um marido dedicado pelo menos durante uma semana. Posso esperar mais uma semana, e então terei um novo telemóvel. Será mais fácil da próxima vez. Vou mesmo fazê-lo da próxima vez.

*Não, caraças!*

Os meus dedos crispam-se sobre o volante com tanta fúria que ficam brancos. Abrando e espero que passe um veículo que se aproxima. Ele tinha uma arma. Uma arma. Em substituição de um grito, solto uma gargalhada horrenda e insana ao mesmo tempo que faço outra inversão de marcha a menos de um quarteirão do cruzamento onde fiz a anterior. Ninguém sabe se ele me mataria mesmo ou não, mas não quero arriscar pagar para saber se é bluff.

Sem ter uma morada, dirijo-me para norte, porque um lugar chamado Wells Canyon tem de ficar para norte. Não tem? Sem dúvida que soa a uma cidade do norte da Colúmbia Britânica. Seja como for, já não estou muito longe de Vancouver. Ir para sul

levar-me-ia até à fronteira dos Estados Unidos, e se fosse para oeste iria dar ao mar.

*Nesse caso, para norte.*

O som da sirene de um carro da polícia soa diretamente atrás de mim, arrancando-me da espiral dos meus pensamentos. Encosto na berma e as lágrimas, que nem me tinham picado os olhos desde que partira, fazem a sua aparição.

— Boa noite, menina. Sabe porque a mandei parar?

— Pois... sim, sei — respondo, inspirando com dificuldade. — Fiz uma inversão de marcha, estou perdida e...

— *Dois* inversões. Sabe que são proibidas?

— Sei — respondo, fungando e limpando a lágrima que me pinga do nariz.

— Disse que está perdida? Para onde quer ir, e de onde vem?

— Devia ir ter com uma amiga a Wells Canyon, mas parti o telemóvel e, sem ele, não sei em que direção seguir.

Forma-se uma ruga profunda entre as sobrancelhas do agente, que me observa com suspeição.

— *Certo*. Vai visitar uma amiga às duas da manhã? Numa cidade que fica a cinco horas de viagem. Preciso que me mostre uma identificação, se fizer favor. Onde vive?

Enquanto tiro a carteira, ele aponta uma lanterna para o meu banco de trás, onde se encontram espalhados os poucos artigos que consegui atirar para dentro do carro.

— Moro no número 6207 de Mountainview Terrace. Perto... de Kerrisdale. E não vou apenas de visita... Vou ficar em casa dela. Desculpe. Eu e o meu marido tivemos uma discussão e eu vim-me embora.

Há uma mudança explícita na atitude dele. *Será que sou assim tão transparente?*

— Para que fique claro, vai de visita ou para ficar?

— Para ficar, sim, vou ficar em casa dela — explico, mordendo o interior da bochecha.

— Pode ser um pouco complicado conduzir na autoestrada durante a noite. É seguro voltar para casa e ir para casa da sua amiga amanhã?

*Merda.* Posso mentir e esperar que ele não insista em seguir-me até casa, ou dizer a verdade e rezar para que ele não vá mais longe.

— Não, não é — respondo, deixando escapar um suspiro trémulo.

— Está ferida? — pergunta o agente, e eu faço que não com a cabeça. — Em que tipo de perigo se encontra? Existem muitos recursos disponíveis. Posso dar-lhe alguns números para...

— Senhor agente — interrompo —, eu fico bem assim que chegar a casa da minha amiga. Mas agradeço a oferta.

Ele hesita por um instante.

— Está bem, vou deixá-la ir com um aviso para que não execute mais manobras proibidas. Por mais calmas que as estradas estejam, entendido? Wells Canyon fica para norte. — *Eu sabia!* Tirando um bloco de notas do bolso do peito, começa a escrever furiosamente. — Estou a apontar as direções que deve seguir. Assim que chegar à autoestrada deve ser muito simples. Conduza com segurança.

Devolve-me a identificação, que me entrega juntamente com a folha rasgada do bloco, após o que volta para o seu carro. Com medo de que ele possa mudar de ideias, arranco sem olhar para trás e sigo as suas indicações, procurando a autoestrada. O meu caminho é interrompido pelo brilho angelical de uma loja de conveniência, que me faz parar. Sob a luz fluorescente, retiro quinhentos dólares da nossa conta porque, com toda a sinceridade, é o mínimo que o KJ me deve. Armada com uma lata de *Red Bull*, uma barra energética *Oh Henry!* e um pacote de batatas fritas com sabor a ketchup, sinto-me adequadamente preparada para uma viagem rumo ao desconhecido. Cheia de uma confiança que não sentia há anos, sigo viagem rumo ao meu novo começo.

\*

Cento e vinte quilómetros. Oitenta e cinco. Sessenta. O meu indicador de gasolina ilumina o interior escuro do carro, fazendo pouco de mim. Toda a minha autoconfiança parece ter desaparecido juntamente com as últimas migalhas de batatas fritas, que despejei descuidadamente na boca há uns trinta quilómetros. É evidente que me devia ter abastecido de mais comida processada na loja. Quarenta. Vinte. O laranja o verde vibrantes do letreiro de uma estação de abastecimento destacam-se, sombrios, contra o céu noturno, e eu paro num instante para abastecer. Corre-me nas veias um alívio por não ter de acrescentar pedir boleia à lista de atividades perigosas em que estou envolvida esta noite.

Vejo uma velha cabine telefónica com o vidro partido no limite da propriedade. Duvido que funcione. *Quem é que ainda usa telefones?* Mas prefiro não aparecer em Wells Canyon sem pelo menos tentar avisar a Beryl de que estou a chegar, pelo que vasculho o carro em busca de todos os trocos dispersos que possa ter.

Tentando tocar o mínimo possível no telefone empoeirado, aproximo-o do ouvido segurando-o com dois dedos. Ouço o som de linha. Respirando por entre os dentes, marco o número dela. A Beryl atende com voz de sono após o terceiro toque.

— Beryl? Olá, desculpa acordar-te. É a Cecily.

— Bom dia, querida. Estás em segurança? — Falámos todos os dias durante quase seis meses e, de repente, parece que nunca a tinha ouvido. Ela soa calmante e otimista, apesar da voz rouca e ensonada.

— Estou. Hum, queria confirmar se posso aparecer, antes de te bater à porta. Estou a telefonar-te de uma cabine telefónica à beira da autoestrada. Acho que estou a duas horas de Wells Canyon. Não tenho telemóvel e não posso usar o GPS, mas foi o que um agente da polícia me disse.

Espero ansiosamente pela resposta dela.

— Oh, Cecily, estou tão orgulhosa. Se há coisa que vais aprender é que não volto atrás na minha palavra. Vem para cá, querida.

Ela dá-me as indicações para ir de Wells Canyon até ao Rancho Wells e eu repito-as duas vezes, para garantir que as gravei na memória, antes de desligar. Alguém no mundo sabe que saí de casa. Agora preciso de seguir em frente. Talvez fosse esse o meu problema no passado. Não tinha ninguém para me julgar por voltar para o meu marido abusivo. Ainda que não pense que a Beryl me julgaria.

Mas quão embaraçoso seria voltar para trás depois disto?

Lembro-me perfeitamente de outro número de telefone. Principalmente porque o dei livremente a todos os meus amigos quando era pré-adolescente, na esperança de que me telefonassem vezes suficientes para que os meus pais cedessem e me deixassem ter o meu próprio telefone fixo. Nem respiro enquanto martelo os dígitos com um dedo trémulo.

— Pai? — murmuro quando ouço um velho ofegante resmungar ao telefone. — É a Cecily. Desculpa acordar-te.

Ambos estamos cientes de que é estranho eu telefonar. É ainda mais estranho telefonar às cinco da manhã, tendo em conta que não falava com os meus pais há mais de um ano. É melhor agora do que nunca, não é?

— Cece? Que se passa? Estás a ligar de um número desconhecido. Estás bem?

Com o meu ritmo cardíaco acelerado a começar a voltar ao normal, sorrio para o telefone. Uma parte de mim esperava que ele se zangasse por lhe telefonar a estas horas da madrugada.

— Estou bem. Pelo menos, vou ficar. Deixei o KJ, pai. E achei que alguém devia saber para onde vou, para que, caso ele participe o meu desaparecimento, possas dizer aos polícias que fiquem quietos. Parti o meu telemóvel. Na verdade, não, *ele* partiu o meu telemóvel. — Se não vou voltar para ele, tenho de parar de o defender. — Mas encontrei uma cabine telefónica a meio da viagem, e...

— Uma cabine a meio da viagem? Para onde vais?

— Diz-lhe que venha para cá, Clark — ouço a voz nasalada da minha mãe dizer em fundo.

— A tua mãe diz que devias vir para cá.

— Tenho uma amiga em Wells Canyon que me ofereceu emprego e um lugar para ficar — respondo, com um suspiro. — Já lhe disse que estou a caminho. Mas estou bem, a sério. Telefono-vos quando tiver um novo telemóvel.

— Precisas de dinheiro? Onde raio fica... Margie, vai ao Google e procura Wells Canyon. O que precisas de nós, Cece?

— Por favor, não digam ao KJ onde estou. É tudo o que vos peço.

— Não lhe diria, mesmo que não me pedisses. O teu segredo está seguro connosco, querida.

— Desculpa não ter ligado mais cedo, pai. Eu... — A saliva acumula-se na entrada da minha garganta e impede-me de falar. — Desculpem não vos ter dado ouvidos mais cedo.

Eles mostraram-se preocupados com a nossa relação há mais de um ano e ofereceram-se para me ajudar de várias maneiras. Como paga, eu esbofetei metaforicamente, manipulei e a seguir excluí da minha vida os meus pais, que me adoram. Não mereço que continuem a preocupar-se comigo desta maneira.

— Cece, nós adoramos-te. *Sempre*. Eu e a tua mãe estaremos sempre aqui para ti. Ainda bem que nos telefonaste, querida.

De repente, a voz da minha mãe inunda-me o ouvido. Deve ter pegado no telefone do escritório na mesma linha.

— Cecily? É a mãe. Ainda bem que deixaste aquele idiota. És uma rapariga inteligente, demasiado boa para ele. Eu sempre disse isso. Vou falar com a tua tia Harriet. Lembra-te de que ela é uma advogada importante em Calgary. Nós resolvemos isto. Vem para cá se precisares de um lugar para ficar, está bem?

— Está bem, mãe. O tempo do telefonema está a acabar. Adoro-vos aos dois.

Volto para o carro a sentir-me leve. Com o tipo de alívio que sentimos quando finalmente largamos os sacos do supermercado no chão da cozinha, depois de subirmos as escadas até ao terceiro andar, onde fica a nossa merdosa residência para universitários. As marcas

fundas e vermelhas permanecem na pele, mas o peso desapareceu. Ou o alívio que se sente ao tirar o sutiã depois de um dia de merda.

*Por falar nisso...*

Dou graças por ter a mochila, para não ter de aparecer de pijama cor-de-rosa com figuras de cães de desenhos animados. Procuo lá dentro e encontro um top plissado giro e umas calças pretas. Profissional, arranjada... provavelmente pouco adequado a um rancho, mas há de servir.

\*

A tinta cor de pêssego da placa onde se lê «Bem-vindos a Wells Canyon» está a descascar, e as letras pintadas à mão desbotaram. No entanto, tem algo de belo e encantador. Ou posso, simplesmente, estar demasiado cansada. O sol nascente espreita por cima de uma cordilheira montanhosa impressionante, o que torna o Canyon do nome deveras adequado. Custa-me decidir se o ar sonolento da cidade se deve à falta de residentes à vista ou se ao facto de todos ainda estarem deitados. Seja como for, parece um lugar onde posso descansar envolta numa t-shirt grande e confortável.

O meu carro faz uma curva e a estrada de asfalto transforma-se em terra batida no extremo da cidade. Estarei mesmo preparada para começar de novo? *Com estranhos?* Mais trinta quilómetros bem podiam ser mais trinta mil, com a ansiedade que me revolve o estômago. Algo me faz pensar que a privação de sono e a dieta de *Red Bull* e chocolate também não estão a ajudar.

A estrada de terra batida cheia de buracos é ladeada por pinheiros altos beijados pelo sol. A vegetação alta na berma da estrada incita-me para diante ao sabor de uma brisa gentil. Abro uma janela para deixar o ar fresco da manhã entrar no carro e inspiro profundamente. O oxigénio puro bombeado diretamente para a minha corrente sanguínea tem o condão de me acordar como uma injeção de cafeína. Para preparar o ambiente, troco as canções pop orelhudas

por uma playlist de country dos anos noventa; a música que os meus pais ouviam sempre aos berros na sua cabana. Talvez a vida no campo não seja assim tão má. Afinal, eu adorava os verões passados na cabana que eles tinham na floresta. Rodeada apenas por grilos, pelo lago e por gloriosas trovoadas. Além disso, o KJ nunca se lembraria de me procurar — uma verdadeira menina da cidade — num rancho de gado bovino no meio de nenhures.

*Pow. Whooooooosh.*

Dois sons que não quero ouvir, que fazem o meu coração falhar um batimento. Um aviso de «baixa pressão dos pneus» surge em gordas letras vermelhas no mostrador do tabliê. Sinto os olhos a arder e pisco-os olhando para o forro cinza do tejadilho para impedir as lágrimas de caírem. Durante meio segundo, parada numa estrada rural de terra batida, sinto o estúpido desejo de que o KJ estivesse comigo. Não que ele faça a mínima ideia de como se muda um pneu, mas teria alguém com um telemóvel a funcionar que poderia usar para pedir ajuda.

Preparando-me para chorar, encosto a cabeça ao descanso e fecho os olhos. Uma gargalhada súbita faz-me saltar, e fico ainda mais alarmada quando olho para o espelho retrovisor e vejo que sou eu. Uma hiena perturbada com manchas de rímel, olhos inchados... e chocolate. Tenho uma mancha de chocolate no rosto. Limpá-la com o dedo só me deixa mais histérica. A minha gargalhada é tão profunda que se torna praticamente silenciosa, salvo um chiado ou arquejo ocasional, quando uma enorme carrinha preta para atrás de mim. Fico boquiaberta. Que sorte a minha — deixo o meu marido abusivo para ser assassinada numa estrada rural.

Um homem atraente, de calças de ganga justas, casaco de lona grosso e chapéu de cowboy bate ao de leve na minha janela. Com a outra mão, faz sinal para que baixe o vidro. Parece-me ter um ar suficientemente honrado, apesar da barba de alguns dias e das roupas imundas. *Ainda pior.* Por vezes, as pessoas maléficas parecem honradas. O KJ é um ótimo exemplo de como as aparências enganam.

Carrego discretamente no botão de trancar a porta, murmurando as palavras *não, obrigada*. O som das quatro portas a trancarem em simultâneo parece ensurdecedor no espaço de outro modo silencioso. Até o cowboy dá por isso, esboçando um leve sorriso ao ouvir o ruído.

— Tem de destrancar a bagageira se quiser que lhe troque o pneu, querida.

A voz grave e áspera do homem quase faz tremer a minha janela. Olho para cima cuidadosamente e vejo-o indicar a bagageira com o queixo. Pode ser a minha única possibilidade de ajuda...

Mordendo ansiosamente o lábio inferior, estendo a mão e abro a bagageira.

Com um pequeno ajuste do retrovisor lateral — graças a Deus pelos espelhos elétricos —, observo discretamente como ele retira um pneu da parte de trás do meu carro e começa a trabalhar. O KJ estaria a marcar furiosamente números da assistência em viagem nesta situação. Isto é muito mais escaldante.

Decidindo que é improvável um assassino trocar um pneu antes de me matar, saio corajosamente para o sol quente.

— Quanto lhe devo? — pergunto, e a minha voz soa uma oitava mais alto do que o normal quando me apercebo de como o homem que tenho diante de mim é atraente. É garantidamente melhor do que parecia no pequeno retrovisor coberto de pó. Levanta o carro com o macaco e os músculos semelhantes a cordas dos seus braços retesam-se enquanto substitui o pneu. Engulo em seco, grata pela distância entre nós, porque tenho a certeza de que ele conseguiria ouvir o meu coração martelar-me o peito se estivéssemos um pouco mais próximos.

O casaco castanho grosso que ele vestia quando apareceu está dobrado sobre o capô da sua carrinha de caixa aberta. Ficava bonito com ele vestido, de um modo campónio chique, mas a t-shirt cinzenta justa é uma evidente melhoria. Os seus bíceps retesam-se quando ele levanta o pneu velho do chão, e o tecido fino revela os seus

ombros musculados na perfeição quando se volta para o colocar na minha bagageira.

Teria de estar morta para não reparar nele. E morreria se o meu marido soubesse que estou a reparar num cowboy atraente.

Observando-o atentamente, pergunto-me se serei capaz de chamar oficialmente meu ex-marido ao KJ. Afinal, não vou voltar... Não estarei a pensar...? *Não*. Eu não vou voltar.

Faço girar a aliança dourada no anelar, subitamente consciente da sua existência, e enfio a mão no bolso. Sinto um arrepio de vergonha quando percebo que escondi a aliança porque uma pequena parte de mim espera que este cowboy pense que sou solteira.

Talvez o KJ tenha razão e eu seja uma puta. Tenho a certeza de que nenhuma pessoa casada normal estaria tão ansiosa por deitar fora a aliança depois de ver um tipo giro.

É certo que não temos um casamento feliz, como é certo que não sou uma pessoa casada normal. Fazemos sexo em ocasiões especiais, e trocamos beijinhos nos lábios quando ele tenta compensar-me por alguma coisa. Não me recordo da última vez que desejei verdadeiramente qualquer uma dessas coisas. E agora estou a cinco horas de distância de casa, numa estrada de terra batida, porque ele me bateu. Mas calculo que continue a ser errado babar-me por causa de outro homem. *Será?*

*Não, é simples biologia.* Sou uma mulher heterossexual de 30 anos. Ele é um homem atraente e, presumivelmente, muito trabalhador. Estou evolucionariamente preparada para sentir interesse. É perfeitamente natural avaliar alguém do sexo oposto... especialmente quando praticamente nos salva de sermos deixadas à nossa sorte na beira da estrada. Seja como for, não existe nenhum voto de casamento que regule o *olhar*, pois não?

— Quanto lhe devo? Cinquenta dólares? — pergunto de novo, dando um puxão na aliança. É surpreendentemente agradável senti-la a cair do dedo, quase como se quisesse ser removida.

A bagageira fecha-se com um baque.

— Cem? — pergunto, engolindo em seco. Devia ter tirado mais dinheiro da conta, se vou esbanjar o dinheiro tão rapidamente.

— Use o dinheiro para comprar pneus como deve ser. Estes pneus de cidade... não são feitos para as nossas estradas de terra batida — responde ele, dando um leve pontapé no pneu com a grande bota de cowboy castanha. — Vai furar a cada pedra afiada que encontrar.

— Oh, está bem. Nesse caso, obrigada — digo por minha vez, sorrindo-lhe, sabendo que não o devia fazer, sentindo o maldito peso da aliança no bolso do lado direito.

Com um aceno impassível, ele volta para a carrinha, pega no blusão e entra. Só me ocorre que não soube o nome do meu herói quando tudo o que resta dele é uma nuvem de poeira distante que vai assentando na estrada de terra batida. Talvez seja melhor assim. Afinal de contas, sou uma mulher casada. Apesar de o meu *marido* me ter ameaçado com uma arma há poucas horas.

### 3

## Cecily



Inclino-me sobre o volante para observar o letreiro de entrada do Rancho Wells, pendurado sobre o acesso à casa. Tem a largura do meu *Honda Civic* e encontra-se ladeado pelos maiores troncos de árvore que já vi. A Beryl não exagerou quando disse que era impossível não dar com o Rancho Wells.

O aroma doce e enjoativo a lilases ataca-me vindo de todas as direções, enviando-me um arrepio pela espinha que me deixa cada pelinho em pé. Vedações constituídas por centenários arbustos de lilases eram a característica mais destacada quando eu e o KJ compramos a nossa casa, depois de estarmos juntos há um ano e casados há quatro meses. Olhando para trás, acho que devia ter dado ouvidos às minhas amigas, que me disseram que estava a avançar demasiado depressa. Fui incrivelmente rápida a pôr-me na defensiva, e ainda mais rápida a cortar essas amigas da minha vida por ele.

*Vocês não percebem que o Kyson é o homem dos meus sonhos e que estamos profundamente apaixonados. Para quê esperar? A vida é curta.*

Há menos de três anos, julgava que era verdade.

*Oh, que queda, a dos poderosos.*

As flores de lilás não duram muito. Mesmo com a elevação acentuada e as geadas tardias desta região, dou-lhes um mês antes de passarem à história. O ódio queima-me os pulmões quando faço um pacto comigo. Farei todo o luto de que precisar, mas apenas enquanto estes lilases se mantiverem em flor. Depois, não permitirei que o KJ ocupe a mais pequena fração da minha mente. Não me importarei minimamente. Para todos os efeitos, ele será o meu *ex-marido*. Mesmo que ele acabe por tornar quase impossível divorciar-me dele.

O meu carro passa aos solavancos pela irregular grelha de proteção para gado antes de subir uma pequena elevação, a seguir à qual surge a herdade. Na base de uma colina distante, vislumbra-se uma variedade de cabanas de troncos com telhados de metal vermelho. Mais para esquerda, encontra-se um enorme edifício que lembra um celeiro, rodeado por equipamento agrícola enferrujado e erva alta. Campos de feno verdes e vibrantes estendem-se até onde a vista alcança, atravessados por cercas de forma aparentemente aleatória.

O meu olhar detém-se numa mulher mais velha que acena freneticamente com os braços no ar, à frente de uma espantosa casa de quinta branca. *É a Beryl*. Conheço-a sem nunca a ter visto. O seu corpo moreno e esguio envolve-me num abraço assim que os meus pés tocam no chão. Com a face pressionada contra o seu ombro, inspiro o cheiro a pão acabado de cozer impregnado na blusa de linho. Apesar de nunca nos termos visto, tudo nela parece perfeitamente familiar e confortável. E esses sentimentos acolhedores substituem as dúvidas que começaram a surgir na minha mente durante a longa viagem.

— Começava a pensar que tinhas mudado de ideias — diz, abraçando-me com mais força.

— Desculpa, tive um furo e fiquei algum tempo encalhada na berma da estrada. Um cowboy parou e ajudou-me.

— Estou muito contente por estares aqui, querida. Vem para dentro. Deixa as tuas coisas no carro. Mostro-te a tua cabana mais tarde. Tenho café, biscoitos... Oh, tens de provar a minha compota de groselha-preta caseira. Ou posso preparar-te ovos com bacon.

— Um simples café seria maravilhoso — respondo, seguindo-a para o enorme alpendre que envolve a casa branca como um abraço. O tilintar de uma dúzia de espanta-espíritos anuncia uma brisa. Não é possível que exista um lugar tão perfeito como este. Talvez o KJ me tenha matado e isto seja o céu.

A porta de rede range e fecha-se atrás de nós. Preparo-me para descalçar os ténis, mas a Beryl impede-me.

— Não te incomodes, querida, a menos que queiras ficar com cocó de vaca nas meias. Os homens de cá bem podiam ser animais selvagens. É uma causa perdida tentar que descalcem as botas quando entram.

O meu olhar deambula pelo intrincado trabalho de marcenaria, pelo estuque ornamentado e pelo corrimão da escada do átrio. E depois pelo papel de parede de época com motivos florais, antes de se fixar no pavimento de pinho desgastado. As tábuas de pinho estão gastas de uma forma impressionante: mossas de botas de cowboy, arranhões causados por móveis arrastados entre divisões e marcas de desgaste deixadas por gerações de pessoas que caminharam sobre estas madeiras.

— É a tua casa? É linda. — Não o digo para a adular. É, facilmente, a casa mais bonita que já vi.

— Não, não. O Jackson Wells e a sua mulher, a Kate, vivem na casa grande com a filha, a Odessa. Essa é um verdadeiro diabinho. E sabe fazer olhinhos, aparece sempre que há pão acabado de sair do forno para comer. Usamos a cozinha como uma espécie de ponto de encontro, e é onde preparamos os almoços para os empregados. Parece que *está sempre alguém* na cozinha. Podes pôr-te à vontade e servir-te de tudo, exceto do leite com chocolate. É o maior desejo de grávida da Kate. — Pisca-me o olho quando acaba de falar.

Conduz-me por um corredor mal iluminado e eu olho de relance para a sala de estar à minha esquerda. A minha alma parece deixar o meu corpo quando a primeira coisa em que reparo é numa grande cabeça de veado que me olha com os enormes olhos negros

e brilhantes. Calculo que as pessoas de cá não achem grande piada à história de eu deixar pequenas cenouras para os veados junto à cabana dos meus avós. Ainda assim, o resto da sala parece encantador o suficiente, com as suas desconumais cadeiras e sofá, a lareira de tijolo e as estantes cheias de livros. Imagino-me a passar um dedo pelas lombadas com um café quente na mão.

Felizmente, não há nenhum animal morto à vista quando sigo a Beryl até à cozinha soalheira. Por sua indicação, sento-me num banco junto à grande ilha de mármore e estudo a mulher que considero a minha melhor amiga, apesar de hoje ser a primeira vez que lhe ouço a voz ou lhe vejo o rosto. Sim, parece extremamente patético não ter mais amigas na vida real. Mas ao menos tenho a Beryl. E, neste momento, dou graças por a minha melhor amiga ser faladora, porque a última coisa que me apetece é falar.

— Tira o dia de hoje para te instalares convenientemente. Apresento-te a Kate mais tarde. Ela costuma ajudar-me na cozinha. Só servimos pequeno-almoço ou jantar ao pessoal do rancho em ocasiões especiais. Mas preparamos-lhes almoços para levarem. Espero que sejas boa a fazer sanduíches porque, *valha-me Deus*, aqueles rapazes sabem comer. Também limpamos os dormitórios, fazemos compras e mantemos este navio a funcionar. Essencialmente, somos as esposas do rancho. O Jackson foi o único homem aqui com a cabeça no lugar o suficiente para encontrar uma boa mulher e ficar com ela.

Uma caneca branca desliza sobre o balcão até às minhas mãos ansiosas, e eu sorvo um longo e calmante gole. O cabelo grisalho da Beryl cai-lhe em tranças sobre as costas, tirando alguns cabelos mais curtos, que se erguem com uma coroa no alto da sua cabeça. O seu rosto não esconde as longas horas passadas ao sol, ou a vida dura que tinha antes de vir para o Rancho Wells, mas os seus olhos e o seu sorriso irradiam alegria pura.

*O que eu daria para ter uma expressão tão pacífica e feliz como a dela.*

— Muito bem, quando estiveres preparada para me contar o que finalmente te trouxe até aqui, sou toda ouvidos. Mas vamos manter a coisa ligeira por hoje, se não te importares.

Estou quase a agradecer quando os meus ouvidos são atraídos pelo ranger e pelo bater da porta de rede, que me provocam uma reação visceral. A pancada quase me para o coração. Endireito-me no banco de madeira e inspiro profunda e conscientemente.

— Depois de passares mais algum tempo aqui não te vais sobresaltar tanto, querida — tranquiliza-me, pousando a mão endurecida pelo trabalho na minha e apertando suavemente. — Uma coisa que precisas de saber sobre os ranchos de gado bovino é que há barulho a toda a hora. Mas não podias estar num lugar mais seguro.

Solta-me a mão quando um homem entra na cozinha com uma expressão de desdém.

— O cabrão do Tate não trouxe as vacinas — protesta ele. — Fui à cidade e voltei para nada, e isso significa que não podemos começar a marcar os animais até... — Detém-se e cala-se ao ver-me.

É o atraente herói rural que troca pneus furados. Os seus olhos percorrem-me de uma maneira que me faz sentir nua e vulnerável. Mexendo-me no assento, envolvo o corpo com os braços, desesperada por me tornar mais pequena e menos perceptível sob o seu olhar carrancudo.

— Tento nessa língua — censura a Beryl antes de apontar para mim. — Austin, apresento-te a Cecily, a nova empregada que te disse que ia contratar.

— Já nos conhecemos, mais ou menos — digo, com um aceno de cabeça. — Este é o cowboy de que te falei, o que trocou o meu pneu.

Ele solta um riso trocista ao mesmo tempo que crava os olhos semicerrados nos meus.

— Não sou cowboy, querida.

A combinação do seu tom trocista com a falsa lisonja do termo «querida» altera algo na minha atitude. Ateia uma chama.

— Não? Peço desculpa — respondo. — O chapéu e as botas de cowboy, as calças de ganga justas e a carrinha que serve para compensar alguma coisa deram-me essa impressão, por algum motivo.

Apesar do risinho da Beryl, ao sentir um fogo percorrer-me as artérias arrependo-me da minha resposta. Deus me ajude. O KJ dizia constantemente que a minha boca me mete em demasiados apuros. Resisto à vontade de erguer as mãos para tapar o rosto, que tenho a certeza de que está tingido de vermelho-vivo. O canto do lábio dele estremece enquanto os seus olhos continuam a abrir buracos na minha fraca armadura.

— Rancheiro, não cowboy. Sou dono das terras, do gado e dos cavalos. Sou eu que dou emprego aos cowboys. — Coça a barba espessa e escura de poucos dias que lhe cobre o queixo e continua: — Vais aprender a diferença, se ficares aqui tempo suficiente.

*Não que isso vá acontecer.* Ele não precisa de o dizer. Consigo perceber o que está a pensar apenas pelo seu tom de voz e pelo brilho sombrio dos olhos cor de âmbar.

— O Tate não trouxe as vacinas? — A voz melodiosa da Beryl afasta o seu olhar de laser do meu rosto corado. — Houve algum atraso no envio?

— Não. O filho da p... o cab... *aquele homem* ainda nem as encomendou. — A irritação dele aumenta a cada tentativa de praguejar, que a Beryl impede com um único olhar. — Portanto, acho que não vamos marcar os animais, pelo menos durante mais duas semanas.

Soltando um suspiro raivoso, ele atira o que parece ser uma pilha de correspondência não solicitada para cima do balcão, fazendo o meu coração bater de forma errática. Parece-me que a bajulação não é o meu único instinto, porque desta vez congelo. Incapaz de pedir desculpa ou de sossegar este homem estranho por não fazer a mínima ideia do que o deixou tão zangado.

Depois de abanar a cabeça uma última vez, ele sai. Mantenho-me rígida de ansiedade até as botas de cowboy deixarem de se ouvir no corredor e a porta de rede se fechar com estrondo.

— O Austin Wells — explica a Beryl, soltando um suspiro exasperado. — Pode ser ele quem assina os cheques de ordenado, mas todos sabem que quem manda na cozinha sou eu. Pode ser um pouco irritadiço, mas não precisas de te preocupar com ele. É boa pessoa.

Aceno levemente com a cabeça em sinal de compreensão enquanto a minha pulsação volta ao normal. Ambas sabemos o que ela quer dizer.

\*

A Beryl deixa-me, e aos meus diversos pertences, numa pequena cabana a cerca de cem metros da casa principal — uma entre cerca de meia dúzia de cabanas iguais. No geral, o meu novo lar é mais pequeno do que o quarto e a casa de banho privativa da minha casa... Ou, talvez seja melhor dizê-lo, da minha *antiga casa*. Acho que a minha casa agora é esta. As paredes de troncos, a cama com armação de pequenos troncos e o sofá de motivos florais ao jeito da década de 1970 dão-lhe um toque nostálgico de campo de férias de verão. Não se assemelha a nenhum sítio em que já tenha vivido e faltam-lhe os toques de beleza antiga da grande casa, mas serve.

E é só minha.

Sem o fluxo de adrenalina para me estimular, sinto cada músculo do meu corpo pesado como madeira há muito tempo à deriva na água. Depois de deixar as minhas coisas num monte no chão, caio de costas sobre a cama. As minhas pálpebras lutam para se manterem abertas, transformando o quarto numa imagem enevoada ainda antes de o meu corpo tocar no colchão.

Sou acordada em sobressalto pelo relinchar de um cavalo. É evidente que deixar o KJ e vir para um rancho de gado bovino não foi um sonho febril. Estou mesmo no Rancho Wells. O despertador à moda antiga ao lado da cama marca o9ho4. Com base na ausência de luz em volta das cortinas finas, tem de passar das nove da noite.

*Santo Deus, dormi o dia inteiro.*

Uma conversa ruidosa entra pela janela de vidro simples da cabana. Doem-me todos os tendões do corpo ainda fatigado que arrasto para espreitar por uma nesga da cortina. Vendo uma dezena, ou mais, de homens a cavalo que conversam animadamente, baixo-me e arrasto-me na direção da porta para verificar se continua trancada.

Percorre-me um ronco ruidoso. Raios, agora não, estômago. Amaldiçoo-me por não ter comido mais do que uma mão cheia de *snacks* nas últimas vinte e quatro horas, porque o meu corpo implora por alimento. A Beryl sugeriu que eu fosse à casa grande para jantar ou petiscar quando quisesse. Mas passa bastante da hora do jantar, e não vou sair com todos aqueles homens desconhecidos ali fora.

Sem querer chamar as atenções, movo-me na mais absoluta escuridão e vasculho os armários. Consciente de forma inata de que posso encontrar armadilhas para ratos, insetos e sabe Deus que mais no interior. É um risco que estou disposta a correr para evitar interações com homens desconhecidos esta noite. Felizmente não é o caso, e descubro pratos, um fogão elétrico, tachos e panelas e outras coisas na minha exploração. Deste modo, não terei de gastar os quatrocentos e trinta e cinco dólares que me restam em material de cozinha. Infelizmente, não há uma única migalha de comida em lado nenhum desta divisão. Apesar das pontadas no estômago, aninho-me de novo sobre as cobertas macias.

Já me deitei a sentir coisas piores do que fome.

## ELE RECEIA QUE ELA NÃO QUEIRA FICAR. ELA TEM MEDO DE NUNCA CONSEGUIR PARTIR.

Cecily é uma rapariga da cidade que nunca pôs os pés num rancho de gado, mas, quando finalmente reúne coragem para sair de um casamento abusivo, é no Rancho Wells que encontra refúgio.

A vida no campo revela-se desafiante, em grande parte por causa de Austin Wells, dono do rancho e novo patrão de Cecily, que é tão atraente quanto rezingão e parece não conseguir decidir se gosta dela ou se a quer fora dali. De qualquer forma, Cecily está determinada a construir uma nova vida e, por muito forte que seja a sua atração por Austin, sente que envolver-se com ele não iria compensar o risco.

Austin, por seu lado, sabe por experiência própria que as pessoas de quem gosta tendem a abandoná-lo, e não quer correr esse risco novamente. Porém, quando o passado de Cecily ameaça colocar a sua nova vida em risco, Austin percebe que ela já está marcada a ferro no seu coração. Ele quer que ela se mantenha não só no rancho mas também na sua vida, e fará tudo o que estiver ao seu alcance para a proteger.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-726-7



9 789895 837267